

Jornal da Tarde

12/7/1986

Família de Orlando não tem dúvidas: a polícia atirou.

A bala que atingiu mortalmente o bóia-fria Orlando Correia, 22 anos, pai de Ronaldo Adriano de 3 anos, e Ana Aparecida de 2, foi disparada pela polícia, segundo seu tio José Tomaz.

Orlando, o "Bila", como é chamado pelos amigos e pelos primos, João e Dito saíram de casa às quatro e meia da manhã para participarem da greve. Chegaram juntos, logo se dispersaram, cumprindo ordens do sindicato.

"Logo a polícia começou a bater", diz o tio Tomaz, 48 anos, "baixando cassetete. Eu tomei três cacetadas, uma no ombro, duas nas pernas e saí correndo. Corri até um morrinha e de lá eu pude ver que os policiais começavam a atirar. Aquele barulho era tiro. Daí eu pensei: "Deus do céu, e os meninos..."

Foram cinco minutos de tiros, não mais do que isso, José Tomaz voltou logo para sua casa, que fica perto do local do piquete. Logo depois de Tomaz, chegaram os sobrinhos João e Dito. Ambos reclamavam das pancadas. Foi então que Sueli, de 17 anos, mulher de Orlando, começou a se desesperar. Vinha a notícia dos tiros, e seu marido não aparecia.

Chegou poucos minutos depois a notícia: uma vizinha veio avisar que seu marido tinha sido levado para a Santa Casa. Ele saiu do piquete com vida, chegou a rir ao falar com o marido dessa vizinha, mas, antes de entrar no hospital, estava morto, com um único tiro, no estômago.

Orlando Correia, o "Bila", não estava trabalhando. Estava no seguro, porque sábado passado, quando cortava cana, sofreu um profundo corte no pé. Foi para o seguro e só terça-feira passada tirou os pontos.

Ele cortava cana há apenas dois meses. Nasceu no Paraná, veio viver em Itirapina, cidadezinha perto de Araraquara. Foi lá que ele conheceu Sueli. Casaram-se: ele com 17 anos, ela com 12. E há poucos meses ele resolveu mudar de vida, deixou a lavoura e transformou-se em cortador de cana.

Passou toda quarta-feira dormindo, só levantou à noite para ir até a casa do vizinho ver televisão, e acordou às quatro horas da madrugada para ir ao piquete, quando disse à esposa: "Prepara minha roupa de passeio que eu acho que vou viajar para bem longe."

Foi a última coisa que ele falou para Sueli antes de sair, e agora, no reencontro. Sueli o vê na Santa Casa. O rosto de Orlando está um pouco esfolado, ela acha que ele foi pisoteado na confusão e que talvez não tenha podido correr por causa do pé machucado.

O tio Tomaz lamentava não ter ficado para ajudar, mas a própria Sueli o confortava: "Nessas horas a gente tem que correr mesmo. Vai fazer o quê?"

Sueli, mãe de duas crianças aos 17 anos, só queria que os padres pudessem devolver o corpo de seu marido que tinha ido para autópsia na cidade vizinha de Araras, para ser velado na modesta casa na periferia da cidade. No fim da noite, quando o corpo do marido e também da empregada doméstica Cibele, as duas vítimas do conflito, eram devolvidos à cidade, o único indício dessa violência era o policiamento ostensivo nas esquinas. À noite, houve uma grande festa de queijo e vinho no Clube de Campo, e a alta sociedade compareceu. Tudo voltou à rotina.

Leme possui 718 imóveis rurais cadastrados no IRL, numa área de 38.497 hectares. As maiores áreas são a Fazenda Creciumal, Santa Inácia, Retiro, Capitólio, Sete Lagoas e Promissão. A principal cultura da região é a cana-de-açúcar.

(V.B.)

(Página 9)